

Conceituação

Alcoolismo & Saúde Mental: Uma Reflexão de Enfermagem [Alcoholism and Mental Health: a Nursing Reflection]

Ari Nunes Assunção³

Resumo: *Busca-se aqui estabelecer uma ponte na reflexão a respeito do alcoolismo e da doença mental. Propõe-se um questionamento a cerca do papel da Enfermagem nos dias de hoje e como esta poderá se instrumentalizar para intervir frente a estas questões de saúde que estão preocupando a humanidade.*

Palavras-Chave: *Enfermagem; alcoolismo; saúde mental.*

Introduzindo o Problema

O alcoolismo, tanto no ensino como na assistência está localizado na área da doença mental. Entretanto, isto me causa uma certa inquietação porque entendo que as complicações causadas pelo uso do álcool, são mais expressivas nos aspectos orgânicos e sociais do que no psicológico.

É nesta direção que pretendo nortear minha conduta tanto terapêutica como de pesquisador, mas, neste momento, este registro fica somente como um alerta para o leitor fazer uma reflexão e tomar sua própria posição.

Os problemas do alcoolismo, há muito tempo despertam o meu interesse, é um desafio, é uma questão de saúde que ainda não tem uma resposta satisfatória, nem pela biomedicina, nem por qualquer outra forma de tratamento. As recaídas são muito frequentes, os índices de recuperação são muito baixos, aquém de 30%. As publicações com dados epidemiológicos pouco tratam deste aspecto, a recuperação, possivelmente porque seria necessário estabelecer com mais clareza o que significa um alcoolista recuperado. Seria o indivíduo estar sem ingerir bebidas alcoólicas por um tempo determinado? Ou seria voltar a beber com moderação? As duas possibilidades são vistas por correntes diferentes de estudiosos. Talvez por isso, seja uma área de estudo que gera muitos questionamentos.

Valendo-me de uma experiência de mais de vinte anos de trabalho com grupos de alcoolistas, prefiro usar o termo "em recuperação" porque parece-me ser mais esclarecedor da realidade.

Para proporcionar uma linguagem de comum compreensão, sobre o alcoolista, vamos propor o uso de três termos com os respectivos significados:

Bebedor eventual, é aquele indivíduo que faz uso, ingere, bebidas alcoólicas mas não perde o controle de quanto, quando usa o álcool e por outro lado não ocorre qualquer alteração no seu estilo de vida;

Bebedor problema, é aquele indivíduo que perdeu as condições de controlar suas atitudes quando faz uso do álcool;

Alcoolista, apresenta todas as características citadas e apresenta francos sintomas fisiopatológicos, psicopatológicos e/ou uma condição de doente.

O alcoolismo é um problema que preocupa os profissionais de saúde em todo mundo, até porque a ingestão de substâncias alcoólicas parece ser uma prática que surgiu com a humanidade.

Os danos decorrentes do alcoolismo na vida das pessoas, são de grande repercussão em todos os níveis de relação e para a saúde física e mental.

A Enfermagem como uma profissão que busca se definir como aquela que assiste e cuida os indivíduos em relação à saúde, não pode ficar a margem de tão grave problema, mas por outro lado, depara-se, no momento, com uma séria dificuldade que consiste na escassa bibliografia específica em alcoolismo e principalmente porque os enfermeiros pouco sabem e pouco buscam saber a respeito deste problema que constitui-se numa das preocupações da saúde pública, assinalado assim pela Organização Mundial da Saúde, conforme descreve Assunção (1983).

Talvez porque a Enfermagem não tenha bem definidas as ações de sua competência em relação ao alcoolismo. Já a biomedicina, tem definida sua competência e conta com uma farta bibliografia. Para Yongert (1989) **as enfermeiras desenvolvem um saber que é diferente do saber do médico; este conhecimento está em relação à qualidade de vida, à maneira de administrar a doença (...), e os problemas decorrentes, informar, explicar, facilitar a aprendizagem. Este novo papel de educadora da saúde vem a ser primordial.**

Frente a esta proposta e ao modo de ver a competência da Enfermagem, ocorre uma série de dúvidas que nos remetem para uma profunda reflexão para ver quais os possíveis rumos da Enfermagem para assistir e cuidar dos problemas de saúde do alcoolista. Estas questões constituirão o fio condutor que norteará as discussões neste trabalho e os estudos para a tese de doutorado.

Definindo Caminhos

Propomos aqui, trabalhar alguns conceitos de saúde mental e alcoolismo, para que se compreenda a interrelação destes aspectos e para integrar no contexto os seus pontos de cruzamentos.

Saúde Mental:

³ EnfermeiroPsicólogo - Doutorando em Filosofia da Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UE SC - Docente do Departamento de Enfermagem FEO/UFPEL - Membro do Grupo Praxis.

No livro, *O Mito da Doença Mental*, Szasz (1979) chama atenção de que até a metade do século XIX, a doença significava alterações físicas ou funcionais do corpo, mas era enfim alguma coisa que podia ser vista. Isto mudou com o advento da dissecação dos cadáveres e o estudo da anatomia patológica, isto é, a fisiopatologia.

Como na doença orgânica, a psiquiatria também usava como instrumento diagnóstico, o que se podia observar do paciente, ou seja, o comportamento.

Foi com os estudos de Charcot, continuados por Freud, sobre a histeria que teve início a Psicanálise. E de uma certa forma é nesta teoria que está alicerçada a psiquiatria moderna. Embora outras teorias busquem outros caminhos, a origem acaba dando-se na Psicanálise.

Modernamente a Psiquiatria está voltada para três grandes grupos de psicopatologias: transtornos neuróticos; transtornos psicóticos e outros transtornos. Portanto, saúde mental poderia ser definida como ausência de transtornos psíquicos e com isto fechamos a discussão; mas não parece ser tão simples assim. Existem algumas formas possíveis de visualizar esta questão; Segundo o postulado de Freud a quem Popper chamou de “pensador historicista”, cada pessoa é produto da sua história de vida e decorre disto a sua maneira de se relacionar consigo mesmo e com o mundo. Isto seria um indicador de saúde mental? Ou será que a saúde mental poderá ser vista como a capacidade do indivíduo integrar-se a um grupo social e desfrutar de uma conduta compatível com a média da conduta deste grupo? Ou ainda, saúde mental, seria a capacidade do indivíduo lidar adequadamente com as adversidades do cotidiano? Poderíamos dizer que todas estas alternativas juntas são o indicativo de Saúde mental? Talvez pudéssemos resumir, como postulou Freud, em sua obra, que saúde mental é a capacidade de cada indivíduo em amar e trabalhar adequadamente.

Entendemos que o conceito de saúde mental não é um esquema fechado, ele pode variar de acordo com a cultura, com a época, com os interesses políticos e até mesmo com os interesses de quem descreve.

Falando de Alcoolismo:

Não estou propondo eleger qualquer conceito e/ou definição de alcoolismo. Estes estão muito presentes em toda a bibliografia que se propõe tratar deste assunto, especialmente os autores do modelo biomédico.

Neste trabalho, procuro chamar a atenção para alguns aspectos que delimitam o alcoolismo de outras formas de fazer uso de bebidas alcoólicas.

Numa visão antropológica, segundo Akerknecht (1985) e frente à proximidade das “fronteiras” entre o bebedor eventual e o bebedor problema e deste com o alcoolista, poder-se-á dizer, em comparação com outras doenças, que o alcoolismo é uma construção social, portanto ele é vivenciado diferentemente por cada

cultura. Entretanto, alguns aspectos parecem ser comuns a todos os alcoolistas. Por exemplo, a perda do controle sobre a forma de quem faz uso do álcool e sobre o seu próprio estilo de vida . . .

Kleinman (1980) diz que a doença a nível individual representa uma realidade simbólica tão real quanto a realidade da biomedicina. A realidade simbólica da doença é internalizada através do processo de interação e faz ponte entre o mundo social externo e as realidades psicológicas e biológicas internas do indivíduo.

No alcoolismo este processo é bastante confuso, porque na patologia, alterações psicológicas e sociais interagem em plena desordem, tornando a vida do indivíduo uma perfeita desorganização.

Se olharmos o alcoolismo enquanto um processo de dependência física em que se estabelece um elevado nível de tolerância do organismo humano em relação ao álcool etílico, vamos verificar que as ocorrências de complicações orgânicas estão presentes e de forma aguda e num processo de evolução continuada dos sintomas já descritos. Também verificam-se complicações no campo psicológico onde as modificações do comportamento são as primeiras a serem notadas seguidas de alterações da memória, do pensamento, do ajuizamento crítico e dos planos ético e moral. Este é o enfoque físico e psicopatológico do alcoolismo.

No campo social, verifica-se um processo de evolução da “decadência” do indivíduo. Em primeiro lugar, frente à sua família que perde as esperanças e a confiança por tantas experiências negativas e repetitivas, vivenciadas num clima de preocupação, medo, insegurança e muitas vezes de ódio. Num segundo momento, no trabalho, especialmente pela sua conduta de desleixo e irresponsabilidade com horários e qualidade da sua produção. Em terceiro lugar, no grupo social maior onde sua conduta, na maior parte das vezes, imprópria, desagrada e afasta as pessoas do seu convívio. E por fim dá-se a perda da confiança em todos os níveis de suas relações.

Frente ao exposto, vimos que o alcoolismo é um problema de saúde que pode ser compreendido por dois prismas: como patologia, demanda uma assistência biomédica e como doença, cuidados de saúde num sentido total. Nestes cuidados podem-se incluir os de Enfermagem, desde que os enfermeiros busquem um conhecimento específico para assistir e cuidar do alcoolista.

Comentários Finais

Quando preparava este trabalho, lia também o livro de Susan Sontag (1984) *A Doença Como Metáfora*. Aos poucos a leitura foi me transportando para uma reflexão de como o alcoolismo está permeado de conotações metafóricas, mas isto vou retomar um pouco adiante, aqui vou procurar estabelecer proximidades e

afastamentos da compreensão da doença mental e do alcoolismo.

As Ciências Sociais e em alguns momentos também as Ciências da Saúde, lidam com conceitos que se consagraram ao longo dos tempos e a saúde ou a doença mental é um bom exemplo disso. É bastante frequente, as pessoas por estarem num momento difícil, serem catalogadas (esquadrinhadas) como doentes mentais e assim serem tratados clinicamente e também pela sociedade. Não pretendo negar a doença mental, porque acredito que o ser humano tem os seus momentos de desequilíbrio mais ou menos duradouros, mas quero chamar a atenção para os diagnósticos, muitas vezes apressados, que atendem um "clichê" já estabelecido e poderá remeter para uma classificação de doente, um indivíduo que passou por uma crise de desequilíbrio emocional sem nela permanecer.

É possível que a Enfermagem, aquela que esta com os pacientes desde sua chegada ao serviço até sua liberação, seja um bom vínculo de ajuda para evitar, muitas vezes, um estereótipo negativo que acompanharia o indivíduo por toda a vida. Assunção (1983) chama a atenção para este aspecto, quando diz: "é o enfermeiro quem lida, diariamente, com as dificuldades e situações de crise dos seus pacientes internados e através da sua relação com eles, lhes oferece ajuda terapêutica". Continuando propõe que esta visão seja usada com os pacientes que necessitam ajuda terapêutica de curto prazo. Na linguagem da Psicologia, uma ajuda focal.

Neste caminho andou o pensamento de Ritter (1979) pois quando se refere à relação enfermeiro/paciente, ela diz que "o enfermeiro é o profissional que está presente nos momentos de esperança e desespero; de agressividade e amor; de controle e descontrole".

Aqui, fica claro a contribuição da Filosofia quando chama a atenção para que se visualize a doença além de uma realidade empírica, mas como um conjunto de experiências associadas por redes de significados sociais, toda doença tem caráter individualizante e não universal como propõe o modelo biomédico. (Notas de aula)

A doença mental, como proponho desde o início deste trabalho, não apresenta dados objetivos para um diagnóstico. É preciso muita observação e cuidados para o encaminhamento de uma proposta de reconhecimento de desequilíbrio mental. Assim é o alcoolismo, muito embora este nos forneça alguns dados que favorecem um diagnóstico clínico, mas como os sintomas podem ocorrer por outras causas que não o alcoolismo, nem sempre é assim tão seguro.

Por tudo isto, cabe-me assinalar para os profissionais da saúde e em especial os da Enfermagem que busquem se instrumentalizar para contribuir de forma efetiva e adequada nos cuidados destes doentes.

Retomando o pensamento anterior, tenho claras dificuldades em apontar onde se aproximam e onde se afastam as questões do alcoolismo e da doença mental. O que fica claro é que nos dois casos há sempre o risco de preconceitos e inabilidades em lidar com estas questões. Este é um problema que me causa constantes preocupações porque trata-se de pessoas que estão padecendo, de uma ou de outra forma, de sérios sofrimentos e dificilmente são compreendidas e sentidas como alguém que já esteve em homeostase, em equilíbrio com o seu meio e com sigo mesmo e agora passam por um momento de desequilíbrio, parecendo que estão perdendo a condição de humano, numa situação que poder-se-ia dizer, coisificada.

Quero questionar se estes temas tem interesse para o estudo e para o fazer da Enfermagem? Por que a Enfermagem ainda reluta e assumir estes conhecimentos e estas atribuições?

O alcoolismo por toda a sua história, ligado à busca ou facilitação do prazer, aos boémios e românticos, visto como o "bálsamo para todas as dores", mas que esconde o seu poder destruidor e doloroso para quem o usa descontroladamente. Não poderia ser comparado metaforicamente com a AIDS? Cuja contaminação está ligada, na visão popular, aos prazeres mundanos e que o sofrimento se dá mais rapidamente e de forma mais cruel.

Não vai neste trabalho nenhuma pretensão de imitar Sontag (1984) que comparou metaforicamente a tuberculose que chamou de doença romântica com o câncer como doença devastadora e repugnante. Procurei tão somente fazer um "mergulho superficial" sobre a prazerosa experiência de construir uma forma de escrever.

Abstract: *It is sought to establish a bridge in thought concerning alcoholism and mental disease. A self-questioning is proposed regarding the nursing role nowadays, and how it might be turned into an instrument to intervene when facing these health questions with which humanity greatly worries.*

Key Words: *nursing; alcoholism; mental health.*

Referências Bibliográficas

1. AKERKNECHT, Edwin. **Medicina e antropologia**, Espelha : Akal Editor, 1985.
2. ASSUNÇÃO, Ari Nunes. **Ação do enfermeiro psiquiátrico na assistência à clientes alcoolistas**, Porto Alegre : 1983, Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3. KLEINMAN, A. M. Patients and healers in: **Context of culture**, Berkeley : University Of Califórnia press. 1980.

4. RITTER, Terezinha. **Metodologia do atendimento individualizado da enfermagem em saúde mental**, Porto Alegre 1979 Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
5. SZASZ, Thomas S. **O mito da doença mental**, Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
6. SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**, Rio de Janeiro : Graal, 1984.
7. YONGERT, Ina. Enfermagem na Bélgica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 41. Florianópolis : **Anais**: Santa Catarina, Associação Brasileira de Enfermagem - Secção Santa Catarina, 1989. p.133-144.

Endereço: UFSC
Campus Universitário
Departamento de Enfermagem - PG
Tel: (048)231-9399